

EDITORIAL DO DOSSIÊ

Religião e Música (parte II)

Temos aqui a alegria de apresentar o segundo número do dossiê sobre Religião e Música da Numen, Revista de Estudos e Pesquisa da Religião.

Desde seu início, a proposta do dossiê era de agregar pesquisadores de diversas áreas, com abordagens também diversas, sob o denominador temático comum em questão. Trata-se de um primeiro movimento no sentido de dar visibilidade à existência de uma área temática, “Religião e música”, ainda pouco explorada no campo das Ciências da Religião, não apenas no Brasil. É, de fato, um tanto curioso a quase inexistência de esforços de pesquisa sistemáticos nesse sentido, considerando o quanto a religião depende da música, cotidianamente.

Na experiência de composição e editoração deste dossiê, duas coisas ficaram claras. Primeiramente, a adesão significativa de pesquisadores dispostos a colaborar, o que indica de certo modo a existência de uma demanda reprimida pela sistematização de tal área de pesquisa. Disso decorrem possibilidades diversas de formação de redes de pesquisadores com vistas à criação de projetos conjuntos. A segunda questão que vem à tona, é a da dificuldade em se abordar os aspectos mais diretamente sonoros da experiência estético-religiosa da música. No conjunto dos textos, uma clara maioria dedica-se à discussão seja das letras, seja dos efeitos sócio-culturais da música (religiosa) – o que, obviamente, ainda não é música. Como no caso da religião, em relação à qual parece claro não ser possível reduzir seu significado às suas funções econômicas, políticas, etc.; também no que se refere à música, a fim de que se alcance alguma profundidade de compreensão, não é possível limitar a experiência musical às letras das canções, às suas consequências em termos de identidade cultural, às possibilidades educacionais dela advindas, etc. O poder da música vem do som. E a experiência sonora musical é um fenômeno amplamente abrangente no universo humano. A experiência religiosa e a experiência estético-musical, nessa perspectiva, se informam mutuamente, permeiam-se inclusive ao ponto de, por vezes, fundirem-se.

Tal horizonte permanecerá como um desafio à pesquisa: os sentidos dos sons musicais em sua relação com os sentidos religiosos da vida.

Este segundo número do dossiê abre com um texto sobre a música em Agostinho, de José Reinaldo Felipe Martins Filho. Após identificar dois horizontes, de natureza mais objetiva, a partir dos quais Agostinho percebe a música, um lógico-discursivo, outro catequético, o autor apresenta uma outra percepção do bispo de Hipona, que busca apreender na música a expressão do inexprimível, o *jubilus*.

O texto seguinte é de autoria do professor Cícero Bezerra e dos mestres de capoeira Luiz Carlos Tavares e Paulo César Almeida do Prado. Nele, os autores discutem o aspecto musical da capoeira, indicando sua dimensão religiosa. Nesse caminho, assentam o lugar musical da capoeira na cultura popular brasileira e passeiam, então,

por cantigas populares dos capoeiristas e pela presença da capoeira na Música Popular Brasileira.

Os dois textos que seguem dedicam-se a importantes e singulares cancionistas brasileiros, Geraldo Vandré e Elomar. No primeiro texto, Faustino Teixeira aproxima-se da obra e da vida do compositor de “Caminhando e cantando” através da janela hermenêutica do amor. No segundo, Carlos Caldas discute uma canção de Elomar, identificando-o como um salmista do sertão Brasileiro.

O artigo de Bruno Rocha apresenta, por sua vez, uma classificação do que o autor chama de modos mítico-poéticos no RAP nacional, modos estes que auxiliam na compreensão das formas da religião no RAP. O auge do argumento é o quarto modo identificado, o de uma teologia, não mais apenas de sobrevivência, mas de reexistência, implicando em uma ressignificação ampla de trajetórias e horizontes.

Seguem-se, então, três artigos que tematizam o papel comunitário da música. O texto de Werner Ewald aborda as relações entre música, imigração e identidade, ao discutir o papel dos hinários e do letramento musical entre imigrantes alemães no sul do Brasil. Bruno Ferraz Bartel, por sua vez, debruça-se sobre o papel ritual das recitações musicais em um grupo Sufi de Marrocos. E Yasmim Benito Cortez da Silva e William Teixeira dialogam com Peter Berger e John Blacking a fim de abordar o papel comunitário da música na construção da religião.

Os dois textos que concluem o dossiê conectam-se no sentido de discutirem temas atinentes à esfera pública e ao papel da música em dinamizar questões de ordem política e identitária. Youssef Alvarenga Cherem apresenta o tema do metal extremo em sua relação com o Islamismo. Já Márcia Leitão Pinheiro traz à tona a música gospel em versões que levantam, tensionando o debate público, a questão das desigualdades de raça e de gênero.

Boa leitura!

Prof. Dr. Arnaldo Érico Huff Júnior (UFJF)
Prof. Dr. Carlos Eduardo Brandão Calvani (UFS)
Prof. Dr. Waldney de Souza Rodrigues da Costa (UERN)
Editores de Seção